



Instituto de Estudos
Econômicos e Internacionais

ENSAIOS DO IEEI

Número 10

AS ELEIÇÕES NA RÚSSIA

A conjuntura eleitoral em outubro de 2011

LENINA POMERANZ

São Paulo, novembro de 2011



**Instituto de Estudos
Econômicos e Internacionais**

O Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais (IEEI-UNESP) é um centro multidisciplinar de análises e pesquisas sobre as questões econômicas e internacionais, congregando especialistas de diversas áreas para promover e enriquecer o debate dessas questões, produzir e divulgar trabalhos e promover parcerias com entidades públicas e privadas nas diversas atividades pertinentes ao seu objeto de atuação.

URL: <http://www.ieei-unesp.com.br>

ENSAIOS DO IEEI

Publicação que objetiva divulgar os resultados dos estudos realizados no Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais.

Conselho Editorial

Andrés Serbin (CRIES/Argentina)
Carlos E. Lins da Silva (IEEI-UNESP)
Carlos Oliva Campos (UH/Cuba)
Clodoaldo Bueno (IEEI-UNESP)
Feliciano Garcia Aguirre (UV/México)
Gary Prevost (Stjohns/EUA)
Harry Vanden (USF/EUA)
Lenina Pomeranz (USP e IEEI-UNESP)
Luis Fernando Ayerbe (IEEI-UNESP)
Marcos Cordeiro (IEEI-UNESP)
Marta Loza (UDG/México)
Sandra Colombo (UNICEN/Argentina)
Tullo Vigevani (IEEI-UNESP)

As opiniões divulgadas nesta publicação são de inteira responsabilidade de seu(s) autor(es).

É permitida a reprodução, desde que seja citada a fonte.

ISSN 2176-8773

ENSAIOS DO IEEI

Número 10

AS ELEIÇÕES NA RÚSSIA

A conjuntura eleitoral em outubro de 2011

LENINA POMERANZ¹

¹ Possui graduação em Ciências Econômicas pela Universidade de São Paulo (1959) e doutorado em Planificação Econômica pelo Instituto Plejanov de Moscou de Planificação da Economia Nacional (1967). Atualmente é professor associado da Universidade de São Paulo e membro do IEEI-UNESP.

Devem realizar-se na Rússia, em 4 de dezembro deste ano e em março de 2012, eleições para a Câmara dos Deputados e para a presidência da República respectivamente. Apesar da proximidade das primeiras, a atenção dos analistas políticos está, como esteve permanentemente concentrada desde o começo deste ano, nas expectativas relacionadas com a definição do candidato à Presidência da República, dentre o chamado *tandem*, constituído pelo Presidente Dmitri Medvedev e pelo Primeiro Ministro Vladimir Putin.

Esta nota se deve ao fim dessas expectativas, com o anúncio, feito na Convenção do Partido Rússia Unida, em 24 de setembro passado, de que ambos, conforme promessas recorrentes feitas em entrevistas de cada qual, decidiram que Putin seria o candidato. O anúncio surgiu na proposição de Medvedev de que o partido endossasse esta candidatura, acrescentando que a decisão sobre isso já fora tomada por acordo entre eles ainda em 2007, quando Putin, impedido constitucionalmente de candidatar-se a um terceiro mandato, o indicou como o seu candidato à Presidência do país. Posteriormente, em entrevista para explicar a sua decisão de não candidatar-se à reeleição, Medvedev a justificou com o fato de Putin ser mais popular que ele, ainda que as pesquisas de opinião pública indiquem pequena diferença no apoio popular a cada um deles.

Desde o anúncio, sucedem-se as análises, de um lado evidenciando as frustrações dos setores que, encorajados pelas medidas politicamente mais liberalizantes de Medvedev, estimulavam a sua reeleição e nela apostavam; e de outro lado, fazendo premissas e previsões sobre como será um novo mandato de Putin e suas consequências para a Rússia. Não é demais acrescentar o que um analista da política externa da Rússia considera ser uma “demonização” de Putin, para considerar que as análises, em ambos os casos, são bastante ideologizadas, no sentido de verem, em Medvedev o liberal democrata e em Putin, o autoritarismo e o retorno do stalinismo.

De todo modo, cabem considerações sobre o quadro político-eleitoral corrente na Rússia.

Para começar, trata-se de avaliar a declaração de Medvedev, a propósito da decisão de retorno de Putin ser ainda anterior à sua ascensão à Presidência. Considerada a longa amizade de mais de 20 anos e a lealdade camarada existente entre Medvedev e Putin durante seu trabalho conjunto durante as gestões Putin, pode-se perfeitamente assumir a premissa. Entretanto, dois elementos de análise fazem com que se coloque a declaração em dúvida. O primeiro, defendido por analistas que veem Putin como o real detentor do poder na Rússia, é o de que nada do que ocorreu na Rússia, durante a gestão Medvedev, deixou de ser discutido e assumido como decisão de ambos; em outros termos, nada do que foi proposto por Medvedev teria sido possível, se não tivesse a aprovação de Putin. De fato, a não ser só mais recentemente, surgiu o que pareceu ser uma diferença de posição entre ambos, no caso da votação da operação da OTAN, formalmente destinada a salvar civis na Líbia: Medvedev, representando a Rússia, absteve-se de votar, enquanto Putin, em declaração pública, comparou a operação às cruzadas históricas, no que foi, também publicamente, desautorizado pelo Presidente². O segundo refere-se à toda a trajetória de Medvedev, especialmente depois do famoso artigo “Para a frente, Rússia!” , no qual conclamou o país a levar a cabo a diversificação e modernização da economia; e na qual se incluem as ações para criação de um Centro de Inovação Tecnológica em Skolkovo, tendo em vista também aproveitar o chamado “reset” nas relações russo-americanas, a determinação de eliminar e/ou transformar em sociedades abertas por ações, as corporações criadas por Putin para implementação da estratégia de desenvolvimento de longo prazo da Rússia e a intensificação do programa de privatizações, a exigência de que ministros deixassem os cargos que ocupavam nos conselhos de empresas estatais, além de sua participação no conselho do Instituto do Desenvolvimento Contemporâneo, um *think tank* de ideias liberais, que elaborou e ofereceu a ele um detalhado programa de desenvolvimento econômico, político e social para um segundo mandato; de seu programa de reformas institucionais, que envolveu a polícia e o Ministério do Interior, além da própria Justiça e seus instrumentos; de uma renovação de governadores em algumas regiões, que envolveu inclusive a demissão de Luzhkov, prefeito de Moscou em vários mandatos,

² Posteriormente, quando se tornou evidente que a OTAN exorbitou do mandato que lhe foi concedido, o Presidente reconsiderou a sua posição, dizendo que deveria ter usado o poder de veto da Rússia.

alimentando a perspectiva de eliminação institucional dos interventores federais. Tudo isto, e mais as suas manifestações a propósito dos casos de assassinato de jornalistas e do julgamento de Khodorkovsky, o magnata preso sob a acusação de fraude ao fisco – entre outras, levaram à suposição da sua reeleição, como contraponto a uma eventual candidatura Putin. E levam analistas a rejeitar a declaração de um suposto acordo anterior entre os dois líderes sobre a candidatura de Putin à presidência em 2012; mais que isso, a indagar como foi possível construir esta trajetória, “enganando” os observadores da vida política do país. Daí as frustrações da parcela liberal da sociedade. O segundo elemento de análise refere-se aos sinais dados por Putin, de sua intenção de voltar à Presidência. Além de sua exposição pessoal na mídia, como esportista, como viajante pelo interior do país para conhecimento dos seus problemas, tida na mesma mídia, como “populista”, Putin constituiu um grande grupo de especialistas em diversas áreas da economia, da sociedade e da política, coordenado por dois economistas de orientação liberal, para elaboração da Estratégia 2020, com a qual pretendeu traçar diretrizes de longo prazo para o desenvolvimento econômico-social russo; criou, em agosto, uma Agência para Iniciativas Estratégicas, cuja direção integrou, para dar apoio a empresas médias e seus planos de exportação, criar sistemas de certificação da força de trabalho e elevação dos seus padrões profissionais e apoiar organizações sociais; e criou uma Frente Nacional Popular para ampliar a participação de candidatos independentes no partido Rússia Unida nas eleições parlamentares, através da realização de primárias eleitorais nas diversas regiões da Rússia, no que representou um esforço de fortalecimento do partido Rússia Unida, que vinha apresentando resultados declinantes nas eleições regionais, como base de apoio legislativo para um novo governo.

Uma segunda ordem de considerações está relacionada com fatos de natureza política, que interferem no processo eleitoral. Trata-se inicialmente da indicação de Medvedev para Primeiro Ministro do futuro governo Putin, feita na mesma convenção do partido Rússia Unida, ocasião em que Putin também delegou a ele, juntamente com o apontamento de cabeça de chapa do partido para as eleições parlamentares, a tarefa de conduzir a campanha eleitoral do mesmo. Uma reação imediata surgiu na declaração do Ministro das Finanças Alexei Kudrin, feita no exterior, de que não serviria a um governo sob o comando de Medvedev. Deixando de lado as especulações sobre as expectativas que teria Kudrin de ser ele o indicado para primeiro ministro num futuro

governo Putin, cabe observar as razões formalmente por ele aventadas para sua declaração: Medvedev desejaria incrementar os gastos sociais e militares, com isto colocando em risco a política fiscal por ele conduzida. Numa demonstração de autoridade, Medvedev demitiu o ministro, causando críticas bastante intensas dos meios financeiros ocidentais, com os quais este tem afinidade de orientação. Fica a dúvida sobre como Kudrin poderá ser aproveitado por Putin, de quem é amigo pessoal e consultor econômico. Outras reações à indicação de Medvedev por Putin, vão na linha das especulações análogas feitas a propósito de desentendimentos entre o duo Putin-Medvedev, anteriormente. Elas envolvem dois aspectos inter-relacionados: i) por um lado, o enfraquecimento do partido Rússia Unida, que foi o que teria levado Putin a reforçá-lo, como foi dito acima, com a criação da Frente Nacional Popular e as dúvidas de que Medvedev, agora desprestigiado, teria condições de levar o partido à vitória mais relevante nas próximas eleições parlamentares - sendo dominante e dispondo de recursos administrativos, não resta dúvida de que será vitorioso; a questão estaria na recuperação do mesmo, dado que Medvedev não tem a popularidade de Putin; por conseguinte, dependendo dos resultados eleitorais do partido, o seu prestígio ficaria ainda mais abalado; ii) por outro lado, na posição de Primeiro Ministro, Medvedev teria a seu cargo a difícil condução da economia num momento extremamente delicado da conjuntura internacional dominada pela crise financeira europeia, com marcado impacto esperado sobre o cenário nacional russo. Não obstante considerar o país mais bem preparado para enfrentamento deste quadro, analistas entendem que medidas mais duras terão que ser tomadas, levando ao desgaste de Medvedev e poupando o presidente. Em ambos os casos, segundo estes analistas, o peso dos resultados recairia sobre Medvedev, revelando uma postura pelo menos oportunista de Putin em relação a Medvedev. O que, entretanto não condiz, não só com a lealdade da amizade que os mantém unidos, como também com o próprio comportamento político de Putin. Até o final do ano deverão ser conhecidas as diretrizes da Estratégia 2020, encomendada por Putin, tudo indicando que elas deverão seguir no rumo da modernização e das reformas que vem sendo seguidas até aqui, aprofundando-as eventualmente no que concerne à definição de prioridades setoriais estratégicas e concedendo atuação distinta ao Estado no processo; ou seja, no rumo definido por Putin, enquanto Primeiro Ministro do governo vigente.

Resta somente, no âmbito desta nota, assinalar a mudança que está sendo introduzida por Putin na geopolítica russa, no sentido de atribuir uma maior importância às relações econômicas e políticas com a China, i) como base para uma atuação internacional conjunta em relação às correntes “desordens financeiras” (Putin, em discurso feito durante sua visita recente à China) tanto no âmbito dos BRICS, como no de outras instituições internacionais, como o FMI e o Banco Mundial e, especialmente no Grupo dos 20; ii) como alternativa complementar de defesa, às estratégias que vem sendo desenvolvidas pelos países europeus importadores dos energéticos russos, de confrontação e/ou menor dependência da posição dominante da Rússia nesses mercados.

Difícilmente Medvedev se afastará desta direção, na condução do governo.